

O ARAUTO da SANTIDADE

JANEIRO, 1992

European Nazarene
Bible College
Library



®

A NOSSA MISSÃO

SUBSTITUI-LA OU RENOVÁ-LA?

Recentemente, três ministros experimentados conversavam a respeito da igreja. Um deles fez algumas observações e chegou a uma conclusão. Segue-se o seu argumento, analisado logicamente:

Premissa maior: A Igreja do Nazareno surgiu para "preservar e propagar" a santidade cristã e a doutrina distintiva da inteira santificação.

Premissa menor: Deixaram de existir certas barreiras entre denominações e grupos religiosos. Foram derrubados muros teológicos.

Conclusão: A Igreja do Nazareno terá de encontrar uma nova missão para justificar a sua existência no século XXI.

Se aceitarmos estas premissas, a conclusão é lógica. Isto é, o raciocínio é válido. No entanto, se qualquer das premissas está incompleta ou incorrecta, a argumentação é imperfeita.

Tanto a premissa maior como a menor parecem basear-se numa hipótese errada: nomeadamente, que a "preservação e a propagação" da santidade cristã abarcam

apenas uma doutrina a ser crida.

Porém, existe muito mais do que isto sobre o assunto. O Dr. J. B. Chapman, um dos primeiros líderes nazarenos, anotou que a inteira santificação é: (a) uma doutrina a ser crida; (b) uma experiência a ser desfrutada; e (c) uma vida a ser vivida.

Admitimos que as distinções teológicas tenham sido obscurecidas em algumas regiões, embora não total ou universalmente. Mesmo que o fossem, isto não seria razão suficiente para abandonar a nossa missão, pois a santidade e a

inteira santificação são muito mais amplas que uma declaração de fé exigindo mero assentimento mental.

Se pensamos que a nossa

missão precisa ser substituída, provavelmente não a temos entendido. A doutrina da inteira santificação é uma afirmação correcta teológica e bíblicamente que pode ser compreendida e crida com o intelecto.

Mas é mais. É uma experiência ou relacionamento com Cristo, de total consagração e compromisso que traz alegria, significado e realização à vida, em todas as circunstâncias, mesmo adversas.

Além disso, é um andar diário com Deus em Cristo, através da morada do Espírito Santo que nos

capacita para viver agradando a Deus e para revelar o Espírito de Cristo em todos os relacionamentos morais e éticos.

A nossa missão não fica

Terá de encontrar a Igreja do Nazareno uma nova missão para justificar a sua existência no século XXI?

O ARAUTO da SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO

Volume XXI — Número 1

Janeiro, 1992

NESTE NÚMERO

A NOSSA MISSÃO — SUBSTITUI-LA OU REVOVÁ-LA?	2
John A. Knight, Super. Geral	
AMIGO DE CALENDÁRIO	4
Jorge de Barros	
RESPOSTA CRISTÃ À SEXUALIDADE HUMANA	5
Harold Hampton	
“IRMÃO DE PEDRO”	6
G. Roger Schoenhals	
PAI NOSSO ILUSTRADO	8
Pierre Bernard	
RESOLUÇÕES NÃO CUMPRIDAS	9
Eunice Bryant	
A JUSTIFICAÇÃO	10
Gary W. Bunch	
MARAVILHOSA GRAÇA	11
Eudo T. de Almeida	
CAMINHOS INCÓMODOS	12
Acácio Pereira	
DEDIQUE TEMPO À LEITURA	13
Ross W. Hayslip	
“ATÉ AQUI NOS AJUDOU O SENHOR”	14
M. A. (Bud) Lunn	
CUIDADO COM A CONFUSÃO	16
Robert E. Maner	
A PALAVRA DE DEUS: NOSSO GUIA PARA A VERDADE	18
C. Neil Strait	
ORAÇÃO DE ANO NOVO	18
W. Ridy	
É SÓ UM ESTUDO BÍBLICO	19
Marita York	
PAGAR UMA DÍVIDA (M. Jovem)	21
Gary Sivewright	
REFUGIADOS DE MOÇAMBIQUE NO MALAWI (P. Missionária)	22
Robert Rimington	
MAS...! (P. Devocional)	24
John H. Jowett	
PERGUNTAS E RESPOSTAS	25
O CAMPO É O MUNDO	26/27

FOTOS:

Capa—J. Barros; p.12—R. Wohlrahe; p.13—D. Whilock; p.14,15—S. Rivera;
p.16,17,19,—R. Lee; p.21—T. Saner; p.26—McGuire Studio

concluída quando algumas ou muitas pessoas simplesmente aceitam com a inteligência a doutrina da inteira santificação. Até demónios tremem e crêem deste modo.

A missão da Igreja do Nazareno só estará cumprida quando todas as pessoas, em toda a parte, reconhecerem e experimentarem a alegria do Senhor e o poder do Espírito Santo. E a nossa missão só estará cumprida quando a crença na conduta santa e todas as nossas relações com Deus, o homem e a natureza estiverem santificadas pelo amor divino.

Quando estas coisas acontecerem na mente, coração e vida de todos os habitantes da terra, o reino de Deus terá chegado e nós poderemos declarar com louvor: “Missão cumprida”.

Uma vez atingido tal alvo, pode ser apropriada uma nova missão. Até lá, o meu voto é para “renovar” a nossa missão, não para a “substituir”. □

JOHN A. KNIGHT
Superintendente Geral

BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE M.S. BARROS, Coordenador Internacional
MANUELA C. DE BARROS, Directora Editorial ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, administradora
O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, é publicado mensalmente por Publicações Internacionais e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, EUA. Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, EUA. Direitos reservados (1992) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US\$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, EUA.

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, is published monthly by Publications International, printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109. Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Copyright (1992) by Nazarene Publishing House. Postmaster: Please send change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO.64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, USA.

No México ouvi pela primeira vez a expressão "Amigo de Calendário". Designa ela o relacionamento cordial existente entre pessoas, muitas vezes um comerciante e o cliente a quem ele envia um calendário da firma no princípio do ano. A conotação local é positiva, pois denota o cuidado de lembrar alguém e favorecê-lo com um mimo em cada Janeiro.

Por outro lado, não traduz intimidade. O "amigo de calendário" só se manifesta uma vez ao ano, com mensagem impressa em fundo colorido e uma pilha de números que se vão

podemos anotar, mas não garantir; podemos planear, mas não prever; podemos declarar intenção, mas jamais dar certeza de que será assim e assim.

É então que descobrimos que, em vez de "amigo de calendário", precisamos dum Amigo *no* calendário — Alguém que não apareça só em Janeiro mas que fique dia e noite, até Dezembro; não para nos incitar a comprar mas a ser, a confiar, a receber d'Ele graça e força para cada dia.

"Na prosperidade conhecem-nos os amigos, mas na adversidade nós é que os conhecemos", lembra um ditado. O

Amigo *no* Calendário é o que garante: "Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" (Mat. 28:20).

Na loja do Sr. Bernardo, numa cidade da minha terra,

havia um letreiro em vermelho vivo: FIADO SÓ AMANHÃ. A data não cabia em qualquer calendário. Nos próximos doze meses desejo a amizade d'Aquele que garante socorro e assistência diários.

Se sofro, quero ouvir de novo que "o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem ao romper da manhã" (Salmo 30:5).

Se temo, Ele me segreda, no presente: "Eu te esforço e te ajudo com a dextra da minha justiça" (Isaías 41:10).

Se me julgo incompetente ante tarefas, responsabilidades ou decisões, Ele me promete: "Clama a Mim e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes, que não sabes" (Jeremias 33:3).

Se tenho sido ou tido *amigo de calendário*, Ele me repreende e alenta: "Em todo o tempo ama o amigo" (Provérbios 17:17).

Se o noticiário me perturba e sou tentado ao pesadelo apocalíptico, então ouço a Sua declaração:

Este é o dia que fez o Senhor: regozijemo-nos e alegremo-nos nele" (Salmo 118:24). □

—JORGE DE BARROS

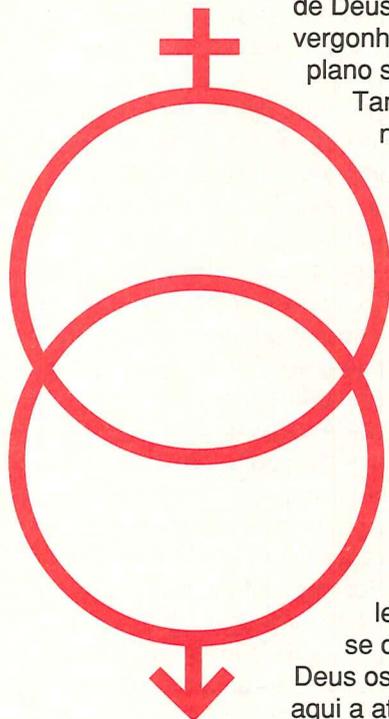
AMIGO DE CALENDÁRIO

desgastando pelos meses afora. Há um toque de publicidade comercial nesta "amizade", pois as folhinhas do calendário lá nos vão segredando da parede que só no endereço impresso se encontram os melhores móveis, produtos alimentícios ou cosméticos do país. Em forma sedutora, exibem também imagens que nos urgem a comprar mais e mais.

Nos Estados Unidos tenho observado que agências funerárias colocam no átrio das igrejas pilhas de calendários para distribuição gratuita. Paisagens serenas, versos apropriados das Escrituras e uma promoção discreta incitam os frequentadores do templo a lembrar os serviços duma agência especializada em dar "aos seus queridos defuntos um serviço esmerado, condigno e solene". Prometem tratar de tudo, em caso de "perda ou partida dolorosa".

A mecanização dos tempos tornou imperativo o uso do calendário. Compromissos e celebrações, consultas médicas e entrevistas, programas e viagens, pagamentos e prazos legais, tudo exige precisão de datas apontadas nos quadradinhos do calendário deste e de anos futuros. Enquanto se empilham estas anotações, descobrimos a pouco e pouco alguns pormenores inquietantes:

RESPOSTA CRISTÃ À SEXUALIDADE HUMANA



“E fez Deus as bestas-feras da terra, conforme a sua espécie... E viu Deus que era bom. E criou Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou... E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom”
(Gênesis 1:25,27,31).

Depois de ter criado a terra e o que nela há (flora e fauna), Deus disse que tudo era bom (vs. 25,27). Mas quando terminou de criar o homem (à *imagem de Deus o criou; macho e fêmea*) disse que “era muito bom” (v.31).

Vemos assim que Deus criou os sexos *deliberadamente*. No ser humano o sexo não é um acidente nem pensamento tardio de Deus. Por isso o sexo não é algo vergonhoso ou vil — é normal, natural, um plano sagrado e belo de Deus bondoso.

Também devemos acrescentar que não é pecado, quando praticado dentro das normas estabelecidas por Deus e de forma saudável. Esclareçamos, pois, que o acto sexual só se deve desenvolver dentro dos limites fixos por Deus, isto é, dentro do matrimónio.

Esta declaração desfaz o argumento mundano de que o sexo fora do casamento (pré-marital ou adúltero) é saudável, inocente e belo. Que diz a Palavra de Deus? “Venerado seja entre todos o matrimónio e o leito sem mácula; porém, aos que se dão à prostituição, e aos adúlteros, Deus os julgará” (Hebreus 13:4). Vemos aqui a atitude de Deus perante a prostituição (sexo pré-marital) e o adultério (sexo que viola os votos sagrados do casamento). Deus declara que ambos são pecaminosos e que os julgará severamente. Notemos que neste versículo não há distinção com respeito ao julgamento — tanto a fornicação como o adultério receberão o justo castigo.

No princípio Deus os criou “macho e fêmea” (Gênesis 1:27), à Sua imagem. Não se trata de imagem dum animal. O homem pode ter apetite e instinto sexual, no aspecto físico, como o animal, mas ele foi feito à imagem do Criador. Deus permite que o instinto controle o animal, mas ao homem, Sua imagem e semelhança, dotou de sensibilidade, afeição, inteligência e livre arbítrio. O homem tem a capacidade de raciocinar e avaliar as consequências de seus actos; tem consciência de que ele reflecte a natureza divina e outros atributos duma personalidade, ausentes num simples animal. Deus estabeleceu certas regras

para o bem temporal e eterno do homem, no desenvolvimento do apetite sexual; e espera que as sigamos.

Logo no princípio da história humana, Deus disse: “Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gênesis 2:24). O objectivo bíblico aqui implicado é que a relação sexual entre duas pessoas as torne uma só carne. No intuito de cumprir o propósito de Deus, um cônjuge deve entregar-se ao outro sem reservas, numa dedicação exclusiva e permanente. De acordo com a Bíblia, o sexo não é para usufruto momentâneo, mas deve desenvolver-se num ambiente de entrega mútua e dedicação totais. Na cópula fora do casamento falta esse elemento vital. Sem entrega completa por parte dos dois cônjuges não há “uma só carne”, mas dois apetites sexuais buscando saciar-se momentaneamente.

Na matemática de Deus referente ao sexo, um mais um deve dar um, isto é, uma só carne; de outra forma torna-se condenável. Quando Deus criou o sexo, o Seu propósito foi o de promover intimidade entre duas pessoas que somente elas poderiam desfrutar entre si e na qual ninguém mais devia interferir. O Senhor possibilitou uma união elevada e sagrada entre duas pessoas (homem e mulher) que satisfizesse os anseios mais sublimes e profundos. Isto não se concretiza num encontro passageiro e fortuito, depois do qual cada um segue o seu caminho. Deus estabeleceu o sexo dentro do matrimónio como uma felicidade da qual o homem e a mulher podem desfrutar neste mundo. É uma entrega total e em todo o sentido.

Deus declarou que o leito do matrimónio é honroso e sem mancha, mas o do adúltero e fornicário é pecaminoso e acarreta Seu juízo severo e imparcial. O único desenvolvimento do apetite sexual, de acordo com a vontade de Deus, é dentro do matrimónio, porque é sem mancha. Equivale a cumprir o propósito de Deus para o nosso bem eterno e não provoca culpa, psicose ou neurose.

Como Deus é tão bom para conosco! Através do casamento Ele provê a todas as nossas necessidades e até as eleva a uma dimensão espiritual em que não há lugar para qualquer remorso! □

—HAROLD HAMPTON

“IRMÃO



André levou pessoas a Jesus

Minha irmã me precedeu na escola. Ela sempre tirava notas máximas e tinha grande talento para música. Quando eu iniciava uma classe no curso primário, liceu ou universidade, o professor geralmente dizia: “Oh sim, você é o irmão de Stephanie. Ela era uma boa aluna. Gostei de tê-la na minha classe”. Daquela hora em diante, era Stephanie isso, Stephanie aquilo...

Por anos vivi sob sua sombra. Minhas notas não eram tão altas como as dela e eu não possuía muito dote musical. Comparando-me a ela, eu me sentia inferior.

Pergunto-me se André, o irmão de Pedro, se sentia assim ocasionalmente. Como se teria ele comportado, vivendo sempre na sombra do Grande Pescador? Será que se cansou de ser sempre a “pessoa em segundo plano”, numa espécie de “segundo violinista”?

Simão Pedro domina muitas narrativas do Novo Testamento. Vemo-lo como uma pessoa que assumia a dianteira e exigia atenção. Ele era um homem que adorava a natureza. Era aventureiro, articulado, direto. Era uma “bola de fogo”. E também era teimoso e impetuoso.

A imagem de André é bem mais suave. Ao invés de ser um cristão em destaque, ele vivia em segundo plano. Permitiu que Pedro ocupasse o lugar de destaque.

O nome de André aparece 13 vezes no Novo Testamento. Seis destas vezes ele é identificado como irmão de Pedro. E noutras cinco ele foi citado, ou no mesmo versículo que Pedro ou no versículo imediatamente depois.

A única vez que André

aparece sem referência a seu irmão é em João 12:22, onde ele e Filipe se aproximam de Jesus para Lhe falar de alguns gentios. Aí o seu nome aparece duas vezes.

Embora André fosse um dos 12 discípulos, seu nome aparece depois de Pedro nas quatro passagens onde é citada a lista dos discípulos. Pensam os estudiosos que o Evangelho de Marcos reflete a influência direta de Pedro. É interessante notar que quando Marcos enumera os 12 discípulos (3:14-19; 13:3), ele coloca André em quarto lugar, depois de Pedro, Tiago e João.

Quando Jesus selecionou três discípulos-chave para estarem em seu círculo mais íntimo, o nome de Pedro foi citado primeiro. Então vieram dois irmãos: Tiago e João. André, o irmão de Pedro, foi deixado de fora. Isto é estranho, considerando que André foi chamado ao discipulado na mesma altura que Pedro, Tiago e João.

Pedro, Tiago e João têm livros do Novo Testamento com seus respectivos nomes. André não. Pedro, Tiago e João são mencionados em Atos, após o Pentecostes. André não. O apóstolo Paulo menciona tanto Pedro como João. Mas não André.

Muitas pessoas vivem hoje sob a sombra de alguém. Talvez seja um pai ou um irmão ou um amigo de longa data. Talvez esta pessoa seja mais atraente, mais coordenada, mais talentosa. Talvez seja alguém mais sagaz, mais rico, mais forte, mais inteligente.

Talvez você já se tenha comparado a alguém e perdido.

DE PEDRO”

Você se julga inadequado e inferior. E talvez até sinta inveja.

Busquemos aqui a ajuda de André. Quando analisamos as passagens bíblicas descobrimos que esta “pessoa em segundo plano” repudiou qualquer atitude negativa. Não achamos nela qualquer sinal de inferioridade, inveja ou amargura. Não há qualquer traço do tipo de coisas que infestaram a vida de Judas Iscariotes.

Ao invés disso, a vida de André é caracterizada por uma consistente devoção a Cristo, embora discreta. Torna-se aparente que ele buscava sua própria identidade, embora vivesse à sombra dum irmão de forte personalidade. Ele era uma pessoa satisfeita e realizada.

Do que podemos perceber, a devoção de André a Cristo parece ter assumido uma faceta dominante. Talvez seja esta a razão por que Jesus o escolheu para ser parte dos Doze. Ele tinha um ministério de evangelismo pessoal — André trouxe outros a Jesus.

André é o primeiro discípulo nomeado no Evangelho de João. E a primeira coisa que descobrimos sobre ele é sua prontidão em acreditar. Ele discerniu rapidamente a verdadeira identidade de Jesus e pôs em ação imediatamente a sua crença. Apressadamente procurou seu irmão, contou-lhe as boas novas e o trouxe ao Messias (João 1:40-42).

André poderia ter guardado as notícias para si mesmo, pois tal conhecimento dar-lhe-ia vantagem sobre o irmão. Ele poderia usar isto para se elevar. E poderia dizer: “Deixe que Pedro descubra

por si próprio”. Mas André recusou permitir que um irmão dominante azedasse sua disposição, apagasse sua percepção ou paralisasse seu comportamento.

André não somente alcançou sua própria família com as boas novas de Cristo mas também prestou atenção às crianças. Vejamos a alimentação dos 5.000 (João 6:5-13). Enquanto os outros discípulos permaneciam imóveis ante a impossibilidade de alimentar tantas pessoas, André encontrou um rapazinho com um lanche e levou-o a Jesus. Embora sua própria fé tivesse titubeado no processo, ele se adiantou mesmo assim, trazendo no mínimo uma potencial solução.

Algumas vezes “pessoas no segundo plano” tendem a despejar suas frustrações naqueles abaixo delas. Pessoas fracas tentam se elevar pisando outras. E procuram ganhar proeminência às custas de outrem. Conseqüentemente, podíamos esperar que alguém como André fosse extremamente rígido com crianças. Ao invés disso, vemos um homem levando uma criança a Jesus.

Mais tarde, no Evangelho de João, André está novamente em ação. Desta vez, envolvido com alguns gregos (João 12:20-22). Os estrangeiros se aproximaram primeiramente de Filipe com um pedido: “Senhor, queremos ver a Jesus”. Ele, por sua vez, levou o caso a André.

Como qualquer judeu orgulhoso daqueles dias, André poderia ter facilmente cancelado o pedido e dito aos gregos que “desaparecessem”. Ele poderia ter permitido que o preconceito ditasse a sua resposta. Mas, ao

invés disso, trouxe o pedido a Jesus. Talvez o Mestre quisesse conversar com estes gentios.

Por causa do incidente com os gregos, André ficou conhecido como o primeiro missionário estrangeiro da Igreja. Ele é também chamado de o primeiro missionário local por causa de seus esforços em trazer o irmão a Cristo.

Então é aquele André, a “pessoa em segundo plano”, que merece aplausos por seu lugar na história bíblica. E se ele *não* tivesse trazido Pedro ao Senhor? Referindo-se a isso, William Temple escreveu: “Talvez seja um dos maiores benefícios que qualquer outro homem tenha feito à Igreja”.

Talvez não tenhamos a visibilidade e a fama de Pedro. Talvez não sejamos um líder poderoso como Paulo. Talvez sejamos bem menos que Tiago e João. Talvez vivamos à sombra dum cristão de 10 talentos.

Mas uma coisa podemos todos fazer: levar outras pessoas a Cristo. Como André, podemos ver para além de nossas limitações. Podemos achar contentamento em Cristo. Podemos ver possibilidades em membros de família, crianças e aqueles que são “diferentes”. E podemos apresentar estas pessoas a Jesus.

Ocupar o segundo lugar, ser o “segundo violinista”, não tem de ser situação negativa. Pode até ser maravilhosa, especialmente quando é Jesus a reger a orquestra. □

—G. ROGER SCHOENHALS

PAI
NOSSO

Basílica

Pai nosso

por direito de criação,
por abundância de provisão,
por graciosa adopção;

Que estás no céu

o trono da Tua glória,
a porção dos Teus filhos,
o templo dos Teus anjos;

Santificado seja o Teu nome

pelos pensamentos dos nossos corações,
pelas palavras dos nossos lábios,
pelas obras das nossas mãos;

Venha o Teu reino

de Providência para nos defender,
de graça para nos purificar,
de glória para nos coroar;

Seja feita a Tua vontade na terra como no céu

para conosco sem resistência,
por nós sem compulsão,
eternamente, sem desmaiar;

O pão nosso de cada dia nos dá hoje

de alimento para nossos corpos,
de vida eterna para nossas almas;

E perdoa as nossas faltas

contra as ordens da Tua Lei,
contra a graça do Teu Evangelho;

Como perdoamos nossos devedores

por difamar nosso carácter,
por defraudar nossos bens,
por abusar da nossa pessoa;

*Não nos deixes cair em tentação,
mas livra-nos do mal*

de aflições irresistíveis,
de atracções mundanas,
de ardis satânicos,
de seduções enganosas,
de afeições pecaminosas;

*Porque Tu é o reino, o poder
e a glória para sempre*

Teu reino nos governa,
Teu poder nos submete,
Tua glória acima de tudo.

Amém

como está no Teu propósito,
como está nas Tuas promessas,
assim seja na nossa oração,
assim será para Teu louvor! □

—PIERRE BERNARD

“Quando deixarás de maltratar a tua esposa?”, pergunta que alguns amigos cristãos fazem a outros em tom de gracejo. Eles respondem no mesmo tom: “Quando deixares de assaltar bancos!”

Há uma grande lista de pecados que nós, crentes, não cometemos; mas existem debilidades na nossa vida que exigem constante vigilância e firme disciplina. Como responderíamos nós aos gracejos mencionados se alguém nos perguntasse: “Quando começarás a orar com as pessoas que vão ao altar?”, ou: “Quando começarás a dar o dízimo?”, ou: “Quando testificarás aos colegas de trabalho?”

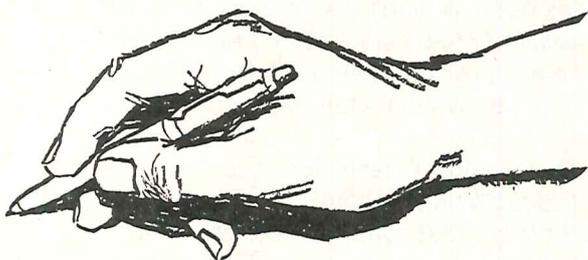
Talvez não desejássemos classificar estas faltas como pecados, mas Tiago nos incita a analisá-las: “Aquele, pois, que sabe fazer o bem, e o não faz, comete pecado” (4:17). O teólogo João Wesley chamá-las-ia “pecados de omissão”.

No começo do Ano Novo algumas pessoas fazem uma lista pormenorizada de resoluções quanto a mudanças que vão fazer na sua vida e atitudes. Infelizmente, se a compararem à lista do ano passado, descobrirão que os votos não são novos. A maioria já se encontrava na lista anterior, pois cumpriram bem poucas das promessas solenemente feitas no ano anterior.

Mas como vencer a tendência de fazer boas resoluções e de não cumpri-las? Creio que as sugestões apresentadas a seguir são práticas e podem ajudar a cumprir os votos:

RESOLUÇÕES

NÃO CUMPRIDAS



EUNICE BRYANT

1 Talvez a lista tenha sido demasiado detalhada e comprida. Há sempre a possibilidade de um cristão consciencioso fazer votos mais rigorosos e complicados que as leis de Deus. Por que não pedir a orientação divina antes de escrever a nova lista de resoluções? Se estas forem feitas sob a orientação do Senhor, Ele ajudará a recordá-las e, por Sua graça, reforçará a motivação para as cumprir.

2 Escreva as resoluções num caderno, deixando uma página ou mais em branco para cada resolução. Durante o ano reveja com frequência o conteúdo do caderno. Se você notar que está a melhorar em certas áreas relacionadas com os votos, escreva junto à resolução correspondente a evidência desse êxito. Por exemplo, a resolução foi de "vencer o hábito de criticar injustamente o cônjuge". Então, se em determinado dia venceu esta tendência numa situação difícil, escreva uma nota no caderno, dando crédito a Deus pela graça que lhe possibilitou sair vitorioso(a).

3 Se não nota progresso numa promessa escrita, peça a Deus que lhe mostre como proceder. Além disso, fale com um amigo cristão maduro sobre as fraquezas que você está a descobrir em si próprio. Peça-lhe conselho e que ore por este problema.

4 Estabeleça alvos acessíveis. Por exemplo, se prometeu ao Senhor ler dois capítulos da Bíblia e orar quinze minutos diariamente durante o ano, é provável que queira aumentar o tempo de suas devoções privadas. A fome e a sede que muitas vezes surgem, animá-lo-ão a ler sem contar os capítulos e a orar sem olhar para o relógio. Ou se prometeu a Deus que vai compartilhar com incrédulos o seu testemunho pelo menos uma vez por semana, é possível que deseje aumentar o número de contactos.

5 A vida em Cristo é de desenvolvimento contínuo. Por isso, você receberá durante o ano várias indicações de áreas em que precisa melhorar. O Espírito Santo é fiel em dirigi-lo a descobrir fraquezas que você parecia ignorar. Escreva no caderno os novos votos que fez ao Senhor.

6 Uma das formas mais eficazes de conseguir a concretização de suas resoluções é fazer um convênio com outro amigo crente. Neste acordo você e ele (a) decidem manter contacto frequente durante o ano e compartilhar o conteúdo dos cadernos de resoluções. Este pacto levá-lo-á a esforçar-se mais em cumprir o que prometeu. Se o amigo(a) escolhido(a) é o marido ou a esposa crente, o intercâmbio de segredos espirituais pode ajudar a fortalecer o seu casamento. □

A JUSTIFICAÇÃO

—GARY W. BUNCH

O teólogo H. Orton Wiley define assim a justificação: "Acto judicial ou declarativo de Deus pelo qual considera os que, com fé, aceitam a oferta propiciatória de Jesus Cristo, como absolvidos dos pecados, libertados da pena e aceitos como justos diante de Deus" (*Introdução à Teologia Cristã*, pág. 312).

Queremos focar a nossa atenção em várias frases desta definição: "acto judicial", "absolvidos dos pecados", "libertados da pena", "aceitos como justos".

A justificação é um acto judicial. Deus não justifica alguém simplesmente por que Ele quer. Cristo morreu numa cruz para prover a base da nossa justificação. Assim, é pela justiça de Cristo que nós somos justificados (Romanos 3:24).

A justificação absolve os pecados. Deus é um Juiz soberano. Declara justificado o pecador penitente e, ao mesmo tempo, perdoa os pecados. Isto significa que Deus esquece os pecados passados do convertido ou do cristão e nunca mais se lembra deles.

Também nós nos devemos esquecer da vida antiga e olhar sempre para a frente. Há muito conforto e consolação neste aspecto da conversão. Podemos começar a vida de novo com o novo Mestre e esquecer todas as coisas más do passado. Então a consciência não nos atrapalha no nosso relacionamento com Deus quanto ao passado.

A justificação liberta da pena do pecado. Qual é a pena do pecado? "O salário (a pena) do pecado é a morte" (Romanos 6:23). A morte aqui é a eterna com a sua condenação ao inferno. É claro que o absolvido não está livre de morte física. Ainda terá que morrer. Mas a morte eterna não mais está no seu futuro, porque Deus liberta completamente desta pena. Graças a Deus, temos um futuro glorioso na Sua presença porque somos justificados.

Na justificação Deus nos aceita como justos. Qual o significado da palavra *como* nesta frase? Significa que a justificação é uma mudança "relativa". Ela muda a nossa relação com Deus. Éramos pecadores, agora somos absolvidos, perdoados. Estávamos longe de Deus, agora estamos perto. Estávamos alienados de Deus, agora temos um relacionamento íntimo com Ele.

"Relativa" aqui não quer dizer que é uma experiência de mais ou menos. Simplesmente, fala de uma relação ou relacionamento. A mudança é verdadeira, mas é relativa. Veremos que na regeneração a mudança é real, enquanto na justificação ela é relativa.

O Dr. Wiley (*Introdução à Teologia Cristã*, pág.316) escreve sobre a justificação e classifica-a sob três aspectos: "Justificação pessoal", "justificação legal" e "justificação evangélica". As Escrituras usam os três aspectos. A justificação pessoal é aquela em que o indivíduo é recto ou justo e "contra quem não há acusação alguma". A justificação legal diz respeito à pessoa contra quem se fez acusação que não se pôde sustentar. E a justificação evangélica é aquela em que a pessoa em causa foi acusada, culpada e condenada. Neste terceiro aspecto há apenas uma via pela qual a pessoa pode ser justificada: através do perdão. E é assim com cada indivíduo que vem a Jesus Cristo. Ele é acusado, culpado, condenado. Mas, porque Cristo morreu para providenciar a sua salvação, Deus perdoa, justifica e aceita o penitente como se nunca houvesse pecado. Glória a Deus!

"Sendo justificados gratuitamente, pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus" (Romanos 3:24). □

MARAVILHOSA GRAÇA

—EUDO T. DE ALMEIDA

No seu todo, a Bíblia é um plano maravilhoso de Deus para levar o homem ao usufruto da Sua maravilhosa graça. Não admira que os anjos, anunciando o nascimento de Jesus, tenham dito que eram “novas de grande alegria” (Luc. 2:10).

Em desespero, Davi clamou a Deus pedindo uma lavagem completa, *perdão e purificação* (Salmo 51:2). Um pedido perfeitamente aceitável por Deus e perfeitamente assegurado pela maravilhosa graça!

Lendo a Bíblia, podemos ver aqui e ali o ajustamento perfeito de peças deste plano para a realização da obra prima de Deus, *libertar o homem do pecado* (João 8:36). Uma grande promessa divina é a do perdão de todas as nossas iniquidades praticadas contra Ele (Jer. 33:8). Davi sabia desta promessa que não é velada ou circunscrita a alguns. Outro profeta, Ezequiel, diz que Deus “aspergirá água pura sobre nós e seremos purificados” (Ezeq. 36:25). A mesma promessa é esclarecida pelo autor do Livro aos Hebreus como “muito mais...o sangue de Cristo...purificará” (Heb. 9:14). Para além duma lavagem de pecados cometidos, há a promessa de limpeza interior destruindo o “corpo do pecado” (Rom. 6:6).

O ponto de partida desta grandiosa obra é também dado por

João que registou as próprias palavras de Jesus: “...aquele que não nascer da água e do espírito, não pode ver o Reino de Deus” (João 3:3). Certa ocasião tive por companheiro de viagem um engenheiro meio espiritista. Aproveitei a ocasião para lhe falar do novo nascimento e, depois, dei o meu testemunho. Ele olhou para mim e disse: “Nunca tinha ouvido desta maneira uma explicação sobre nascer de novo”.

O novo nascimento é mais do que simplesmente hospedar a Cristo em nossa vida. É sermos hospedeiros do Seu amor infindo reintegrando-nos na comunhão perfeita com Deus para a posse duma boa consciência sem ofensa, duma fé sem hipocrisia e dum coração puro (I Tim. 1:5). Razão tinha o hinólogo para escrever:

“Graça imensa, divina graça!
Oh, que amor do Filho de Deus!
Esse amor que a tudo ultrapassa
É um dom gratuito dos Céus!

Eis-me aqui Jesus genuflexo,
Esperando mais, mais de Ti!

No altar me ponho p’ra sempre:
Tudo entrego a Ti, meu Senhor,
Mui submisso à Tua vontade,
P’ra servir-Te e amar com fervor!”
(L.A. 157) □

Algumas pessoas desejariam que Jesus ficasse no presépio todo o ano. Talvez com receio de O terem de enfrentar nos encontros diários com o próximo. Mas Ele é o primeiro a querer sair de espaços confinados. Esperam-no caminhos, casas, dramas, ansiedades, angústias, esperanças e alegrias do homem. O Messias deseja crescer e caminhar. Veio ao mundo para concretizar a Sua missão salvadora.

Os evangelhos narram Suas longas viagens por caminhos ásperos e poeirentos. De tenra idade, parte com Maria e José de Belém para o Egito e do Egito para Nazaré. Depois vai ao templo, em cumprimento da lei. Mais tarde, na companhia dos discípulos, percorre incansável caminhos e atalhos da Palestina. E acaba por lhes ordenar: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura" (Marcos 16:15). No apogeu da Sua missão, procuram detê-lo os judeus, duma vez para sempre, crucificando-O e selando o sepulcro.

Mas Deus interveio com o milagre da Ressurreição! Daí em diante ninguém pode deter o Mestre nas Suas múltiplas jornadas. Acompanha dois discípulos a caminho de Emaús. Fortalece a fé de todos com aparições singulares. E, na pessoa de Seus seguidores, continua a calcorrear caminhos inóspitos.

A Sua missão ultrapassa os limites da Palestina. Já Se encontrava em Antioquia, Atenas e Roma antes que os apóstolos lá chegassem. Com Seus ensinamentos apela para o nivelamento da sociedade, para melhor trato de plebeus e condenados a galés.

Não há dúvida que uma das tentações mais frequentes e perigosas do nosso tempo é alguém proclamar-se líder religioso para conseguir títulos e fortunas. Mas como poderá assim cumprir o conselho de Jesus: "Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me?"

(Mateus 16:24). O Mestre aponta-nos o verdadeiro caminho. É o nosso exemplo. Ele vai sempre à frente.

Quem sabe? Talvez o erro de eu emperrar tantas vezes nas andanças por este mundo esteja em mim mesmo! Recuso-me a andar. Acho o caminho demasiado incómodo para certas aspirações humanas. Não desejo comprometer-me.

Há dias veio procurar-me um colega de trabalho. Fez-me sentir o peso do seu fardo. Mas eu apenas lhe

dei alguns conselhos e orei com ele. Viera à busca dum irmão e encontrara um conselheiro relutante.

Conheço pessoas que visitam doentes ou encarcerados geralmente com tanta pressa e falta de paciência, que todas as desculpas lhes servem. Acalmam até a consciência argumentando que é nosso dever suportar com resignação o sofrimento.

Quando, ao atravessarem a rua, deparam com pessoas que preferem ignorar, dão meia volta para não serem obrigadas a enfrentá-las. Era seu dever intervir,

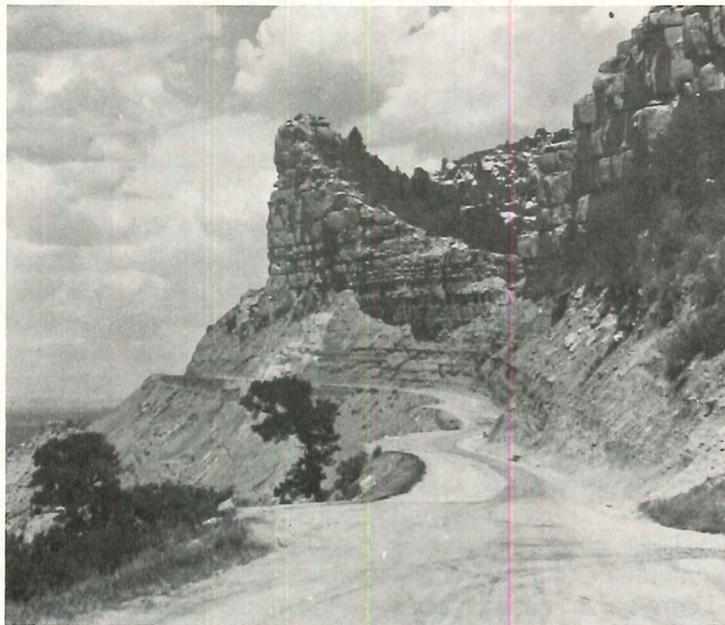
comprometer-se. Mas escolhem não fazê-lo.

São geralmente estes caminhos incómodos que influenciam a nossa escolha. Quantas vezes chegamos exaustos a casa, mas sem termos reconhecido Jesus nas estradas dos homens, na pessoa do irmão necessitado.

Tenho sonhado muitas vezes com um caminho seguro, direito, liso, com sinais luminosos e em comunicação directa com o céu. Mas acho-o quase impossível. Falta nele o toque de Deus capaz de transformar uma via estéril em campo fértil. É tempo de aprender a percorrer sem lamúrias o meu caminho diário, a levar a cruz com os olhos em Deus e a ver Jesus no próximo. Mas reconheço que às vezes isso é bem difícil. Há tantos "pedregais" que me incomodam! "Ensina-me, Senhor, o teu caminho, e guia-me pela vereda direita" (Salmo 27:11). □

CAMINHOS INCÓMODOS

—ACÁCIO PEREIRA



DEDIQUE TEMPO À LEITURA

“Aplica-te à leitura”, foi a advertência de Paulo a seu jovem amigo Timóteo. Numa época em que há tantas e tão complicadas exigências no nosso horário pessoal, esta exortação é particularmente significativa.

Alexander Gerschenkrow, professor aposentado de economia da Universidade de Harvard, escreveu um artigo “Sobre Livros de Leitura”. Nele destaca que a leitura é um processo lento e que o número total de livros que a pessoa, mesmo instruída, lê durante a vida é surpreendentemente pequeno.

O professor Gerschenkrow tem o hábito de apontar num caderno o título de todos os livros que lê. Há tempos ele contou os títulos registados em dez anos; o número anual variava, nunca descendo abaixo de 90 nem subindo acima de 110, com uma média de 100 livros por ano. A sua lista não mencionava artigos de jornal ou porções de livros consultados para investigação. A lista era ampla e abrangia livros académicos, novelas, mistérios e volumes de contos — realmente cada livro que ele tinha lido de capa a capa e que ele pensava ter o direito de considerar um todo.

Ele lamentava muito não ter compreendido antes que o adulto com uma vida de leitura de 50 anos não leria mais de 4.000 a 5.000 livros. A pessoa média provavelmente lê muito menos livros que este distinto professor.

A ideia de quão pouco lemos devia impressionar-nos e causar um certo sentimento de humildade — de como são limitadas as nossas perspectivas. Existe muito material para ser lido e muito pouco tempo para fazê-lo.

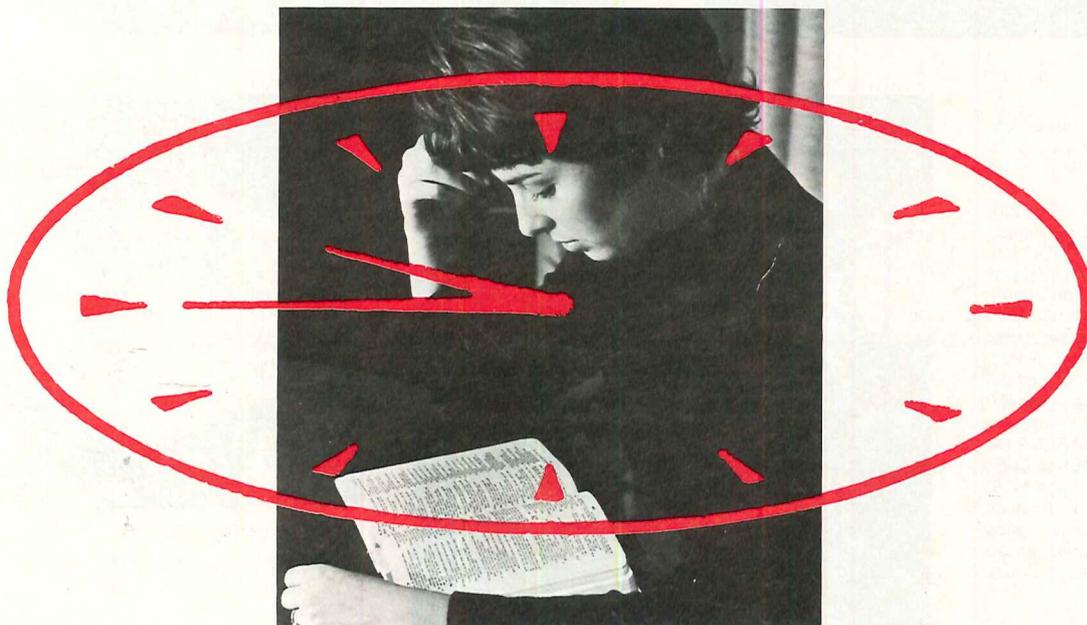
Considerando a preciosidade de cada livro, como faremos a nossa selecção? Francis Beacon observou: “Alguns livros devem ser saboreados, outros engolidos e alguns poucos mastigados e digeridos”.

Thoreau disse acertadamente: “Quantos homens têm marcado uma nova era na sua vida com a leitura dum livro!”

Certamente a Bíblia é o Livro que nos desafia a maior aplicação, mas o campo da literatura cristã abunda em volumes que nos elevam, orientam e inspiram.

Todos os cristãos se devem esforçar por seguir um programa disciplinado de leitura que os exporá a análise mais ampla da vida e ajudá-los-á a aprofundar a sua comunhão com Deus.

Anthony Trollope escreveu: “Este hábito de ler — tomo a liberdade de lho dizer — , é o seu salvo-conduto para os prazeres mais excelentes, mais puros e mais perfeitos que Deus preparou para as Suas criaturas... permanece quando todos os outros prazeres desaparecem”. □ —ROSS W. HAYSLIP

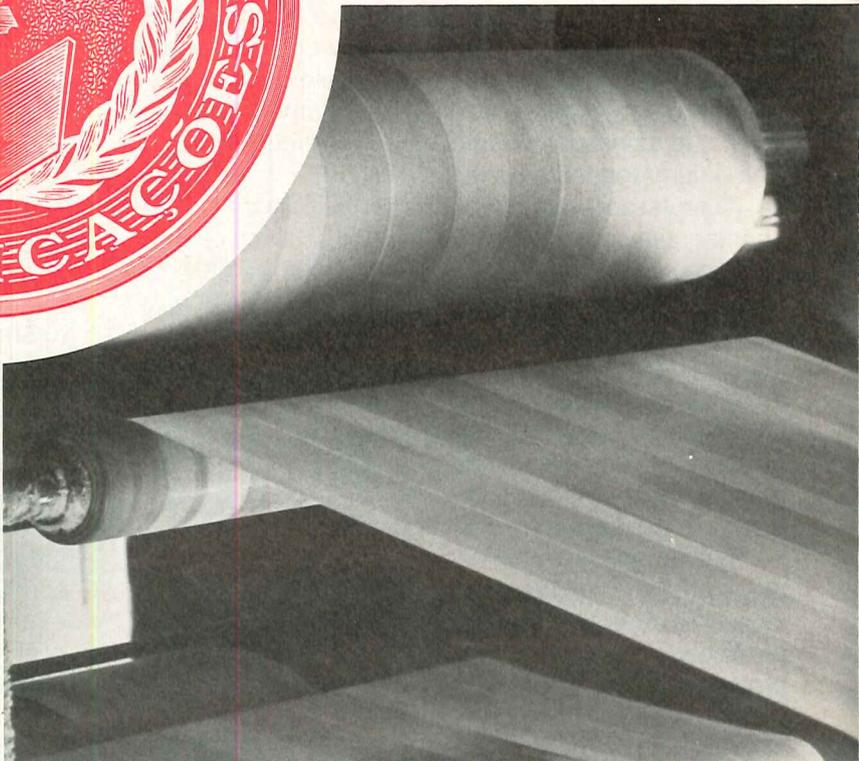
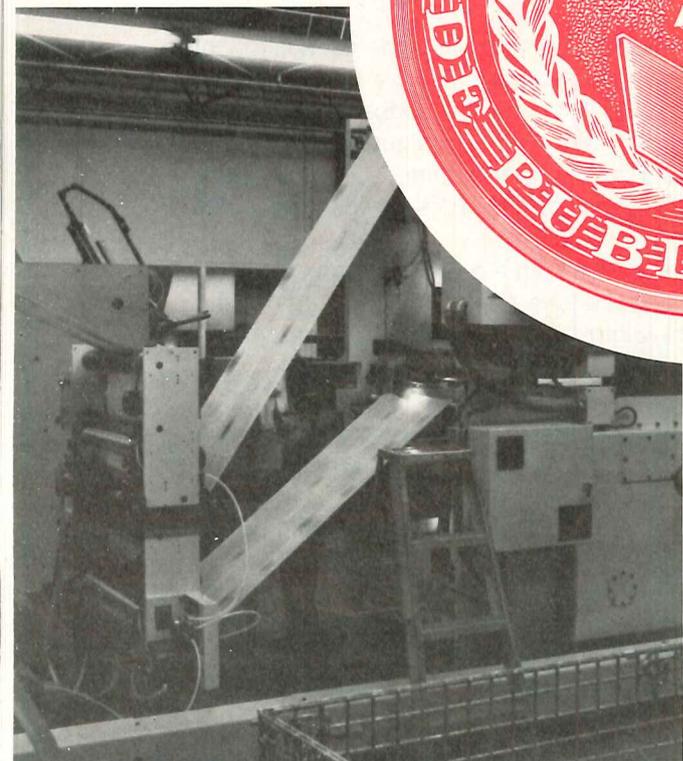


“ATÉ AQUI NOS AJ



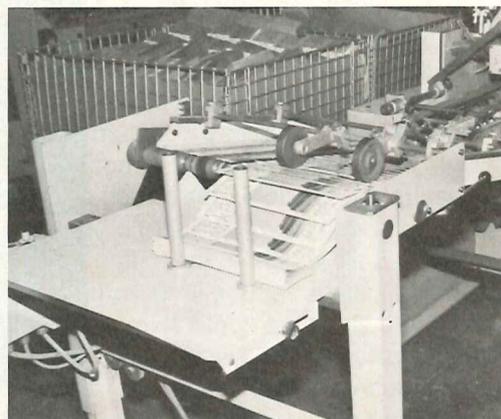
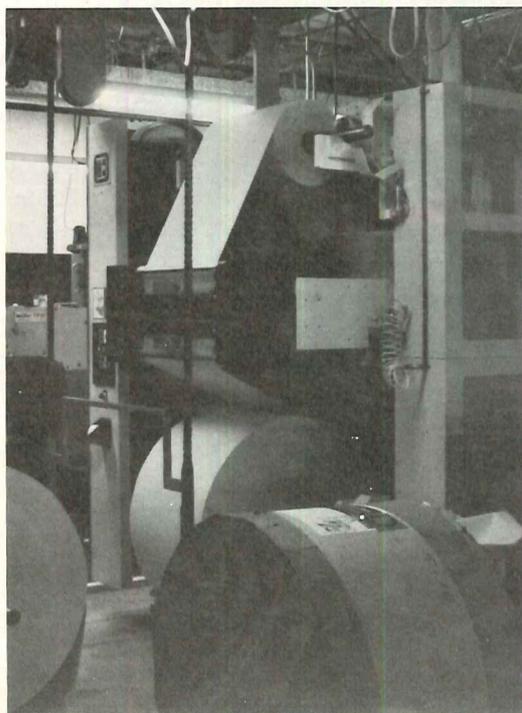
A bênção do Senhor
e a Sua fidelidade

possibilitam o nosso
ministério e serviço
na CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES.



N.R.

*M.A. (Bud) Lunn foi gerente da Casa Nazarena de Publicações (N.P.H.) de Kansas City, E.U.A., por 40 anos. Faleceu em 1990, deixando um legado impressionante. O posto é agora ocupado por Robert Foster, líder de visão e grandes dotes administrativos. A congénere da N.P.H. para países de expressão portuguesa, legal e comercialmente distinta, é a CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, a CNP, gerida por Jorge M. S. Barros. As duas organizações mantêm laços fraternais e de representação internacional.



UDO O SENHOR”

(I Samuel 7:12)

—M. A. (Bud) LUNN*

Décadas laboriosas resumem a história da Casa Nazarena de Publicações (NPH) e não existe uma página nublada nesta narrativa. Desde 1912 até ao presente, temos tecido fios em panos intrincados que encerram beleza e harmonia, bem como algumas cores discordantes de esforço financeiro e custos de montagem. Tudo isto devido à guerra, depressão financeira ocasional e problemas inumeráveis ligados ao esforço crescente duma casa

denominacional de publicações votada ao serviço duma igreja em crescimento.

A história da Casa Nazarena de Publicações (NPH) assemelha-se à história e crescimento da igreja que ela serve. Nasceu precisamente quatro anos depois de ser concretizada a organização da igreja em 1908. A Casa de Publicações não é um auxiliar da Igreja do Nazareno, mas um braço vital, activo e espiritual para alcançar perdidos e alimentá-los. Quem conhece pessoalmente a história da CNP está bem certo que “se o Senhor não edificar a casa, em vão

trabalham os que edificam” (Salmo 127:1).

É importante dar-se ênfase ao facto de a Casa Nazarena de Publicações operar e pertencer à Igreja do Nazareno. Não existem interesses secretos ou particulares. É em todos os aspectos a “sua Casa de Publicações”. A sua função é servir a igreja fornecendo literatura, livros, música e produtos vitais ao seu funcionamento. A operação é supervisionada pela Junta Geral, através do Departamento de Publicações, e tem uma junta jurídica de directores. À base de rotação, um superintendente geral serve como conselheiro.

“Éxito” não é uma palavra de conotação material. Desde 1912 a CNP não só desfruta dum crescimento regular, expandindo suas propriedades e equipamento, mas também tem colocado muito do seu

excedente em vários canais de actividades aprovadas pela igreja geral.

A sua Casa de Publicações é uma instituição comercial, na qual se produz, se compra e se vende. Concede crédito e abre contas. Está sujeita à variação de oferta e procura. Por outras palavras, a sua operação é uma dicotomia, partindo da necessidade de observar métodos correctos de negócio e de servir a Igreja do Nazareno.

Não há necessidade de desculpa para os aspectos comerciais da Casa. São necessários para o desenvolvimento do negócio e longevidade duma organização. Por isso, a igreja deve e tem o direito de esperar uma administração informada e eficiente de seus negócios. No entanto, arriscaríamos perder as bênçãos de Deus e a lealdade do nosso povo, se os aspectos seculares suplantassem a dinâmica espiritual do nosso propósito.

No relatório quadrienal apresentado à Assembleia Geral de 1968, usei estes versos. Eles ilustram a minha filosofia pessoal acerca da nossa Casa de Publicações:

O Papagaio

Quem solta o papagaio?

*“Eu”, disse o menino, “é a minha alegria;
Eu solto o papagaio.”*

Quem solta o papagaio?

*“Eu”, disse o vento, “é a minha fantasia.
Eu solto o papagaio.”*

Quem solta o papagaio?

*“Eu”, disse o cordel... “Eu sou
O que solta o papagaio.”*

Quem solta o papagaio?

*“Eu”, disse a cauda, “Eu faço-o voar;
Eu solto o papagaio.”*

Quem solta o papagaio?

*Todos estão errados; todos estão certos.
Não se esqueça — TODOS soltam o papagaio.*

O “todos” deste poema era verdadeiro, mas ainda o é mais hoje quando cooperativamente criamos e desenvolvemos produtos de acordo com os vários interesses da nossa igreja.

Estamos aqui para uma missão e apenas uma — servir a Deus e à Sua Igreja. □

—ROBERT E. MANER

Certa ocasião, a minha esposa e eu vimos num parque um homem que parecia “encantador”. Possuía personalidade atraente e certa alegria contagiosa. Mas o seu estilo de vida estava longe de ser cristão; aproveitava a sua personalidade para fins egoístas. E, mesmo assim, era difícil alguém contrariá-lo no seu modo de ser.

Que bom cristão teria sido! Ou já o era? Se tivesse unido à sua personalidade um pouco de religião, atrairia a maioria dos membros de qualquer igreja. Teria exercido sua influência ainda mais do que ele pensava, para bem ou para mal.

É mais fácil ser-se enganado pela aparência do que pela realidade. Apresento a seguir algumas lições que aprendi nos meus 50 anos de vida:

CUIDADO COM A CONFUSÃO

1 *Existe o perigo de se confundir personalidade com piedade.* Há pessoas dotadas de personalidade extraordinária. Se é pregador, por exemplo, facilmente convence os ouvintes de que algo é espiritual, mesmo que o não seja. Feliz o homem que possui tal personalidade! Quando se oferece a Deus sinceramente este dom e se é cheio do Espírito Santo, a causa do Senhor tem um servo dinâmico.

Mas, com frequência, estas pessoas não se desenvolvem espiritualmente pois sabem que, graças à sua personalidade, conseguem quanto querem. Escolhendo o caminho mais fácil contentam-se com a mediocridade. A piedade está relacionada com o carácter; algumas vezes se manifesta nos contratempos da vida. É o resultado dum profundo relacionamento com Cristo, do estudo da Palavra de Deus e, sobretudo, do desejo sincero de imitar o nosso Senhor.

2 *Há diferença entre bondade e santidade.* Todos os cristãos devem ser bons. Mas o oposto não é verdade: nem todas as pessoas boas são cristãs. Algumas são-no por natureza. Por isso é fácil a incautos concluir que são cristãs. Geralmente são as pessoas mais difíceis de alcançar com a mensagem da salvação, porque crêem que já têm tudo. Observam a baixa moralidade em que outras pessoas vivem e dizem: “Não quero viver como elas”.

Agradecemos a Deus pela gente boa e decente que conhecemos, mas não confundamos a sua bondade com a santidade. Infelizmente isto pode acontecer entre os anciãos. É a idade e não a graça que os leva a deixar de pecar. Confinados a uma cadeira, falsamente concluem que já estão salvos e preparados para se encontrarem com Deus. Na realidade, podem encontrar-se tão perdidos como o filho pródigo.



3 *Existe o perigo de confundir a pressão com o poder.* Isto dá-se nas nossas igrejas. Todos queremos que elas triunfem. E se falta poder espiritual, imediatamente recorreremos à pressão humana como substituto. Esta ajuda no momento mas, depois, descobrimos que não passa de simples engodo e que não perdurará.

Se o poder parece afastar-se de nós e caímos na tentação de usar pressão, os resultados tornam-se desastrosos. É melhor pagar o preço em oração e jejum até Deus enviar "poder do alto". O mundo sempre nos mantém sob pressão. Sentir-nos-emos defraudados se encontramos na igreja a mesma pressão. O Espírito Santo é a única fonte de poder.

4 *Existe o perigo de confundir verdades triviais com a oração.* A oração que Deus escuta nem sempre é a que mais impressiona os homens. É mais fácil criar o hábito de pronunciar palavras bonitas que fazer uma oração sincera. As orações ornamentadas podem impressionar aos homens mas não a Deus. Todos corremos o risco de orar para sermos ouvidos por Deus e pelos homens.

A verdadeira oração nasce do fundo da alma. A linguagem poderá ser deficiente, gramaticalmente incorrecta, infantil e com lágrimas, mas se com toda a alma procuramos chegar a Deus, a oração será sincera.

5 *Há diferença entre desgostos e princípios pessoais.* Todos temos algo de que não gostamos e isso até se pode converter em obsessão. Devemos diferenciar bem entre aquilo que nos desgosta e nossos princípios pessoais. Os desgostos relacionam-se a opiniões, experiência, herança e outros factores que moldaram o nosso carácter. Embora nos julguemos desligados do nosso passado, procuremos diferenciar entre sentimentos e opiniões, e princípios ou convicções pessoais.

a) Os princípios têm aplicação universal; os desgostos são pessoais, de pouco valor e até podem estorvar.

b) Os princípios éticos da vida são bíblico; os desgostos reflectem opiniões humanas. A maioria das pessoas da minha geração expressam desgosto quando vêem homens de cabelo comprido. Eu não devo permitir que esse desgosto se converta num princípio da minha vida. O ser humano até pode morrer na defesa de seus princípios; mas, para mim, nem tudo se deve revestir de suma importância.

c) Os princípios são perduráveis; os desgostos temporais. Costumes e estilos mudam constantemente. Se os princípios básicos da minha vida se fundamentassem naquilo que me desgosta, chegaria o dia em que eu não teria base sólida.

d) Os princípios são positivos; os desgostos negativos. O que me deve motivar na vida não é aquilo a que me oponho mas que favoreço. Se o motivo é negativo estou destinado ao fracasso. Também, se os desgostos suplantam meus princípios, a vida só me dará frustrações.

Cuidado com a confusão!

A PALAVRA DE DEUS: NOSSO GUIA PARA A VERDADE

Um letreiro numa casa comercial de Washington, D.C., reflecte o clima da nossa época: "Você pode enganar algumas pessoas numa ocasião ou outra e, em geral, isso é quanto basta para conseguir lucro".

A nossa época tem sido vítima de personalidades extravagantes e persuasivas que falham na moralidade que pregam com os lábios, enquanto vão construindo suas armadilhas enganosas através do país. Então a sua retórica ardilosa parece sincera e honesta às pessoas que esperam seguir alguém com uma promessa.

Cada pessoa precisa dum

"filtro" através do qual os apelos e as aclamações possam ser interpretados. A Bíblia é o melhor "filtro", pois é a verdade de Deus. O Salmista disse: "Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios... Antes, tem o seu prazer na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite" (Salmo 1:1-2).

Quanto mais a Bíblia se torna nosso guia, menos podem os apelos de homens que nos tentam. À medida que nos tornamos seguidores da verdade eterna, mais nos capacitamos para modelar a verdade. Phineas F. Bresee disse certa vez: "Existem por toda a parte

profundezas ainda por explorar; e é só quando penetramos estas profundidades e alcançamos a compreensão da Sua infinita glória, que as podemos ensinar eficientemente a outros".

É decisivo o que nós escolhermos fazer com a Palavra de Deus. Moldará ela a nossa vida? É a nossa autoridade? Num de seus livros, Robert W. Duke ao escrever sobre Nicodemos disse: "O futuro de Nicodemos depende daquilo que ele quer e está pronto a ouvir de Jesus. Não se requer dele o sacrifício do seu pensamento, mas a submissão às palavras de Jesus".

—C. NEIL STRAIT

ORAÇÃO DE ANO NOVO

Deus! Por mais um ano, por mais um dia, por outra manhã, por uma hora ou mesmo um minuto mais de oportunidade de viver e servir-Te, estou profundamente agradecido. Livra-me, durante cada dia deste ano:

**do temor do porvir,
da inquietação desta manhã,
do rancor por alguém,
da cobardia ante o perigo,
da indolência no trabalho,
do fracasso ante a oportunidade,
Da tibieza, quando tenho nas mãos o recurso do
Teu poder. Amém.**

—W. RIDY

Fazia-se um pouco tarde e os meus pensamentos estavam anuviados, enquanto ia buscar de carro uma amiga. Íamos a um recém-organizado estudo bíblico para senhoras. Naquele dia todas as coisas que tinha que fazer me davam voltas à cabeça: Telefonar... dactilografar o boletim da igreja, não esquecer as peças para o tractor do meu marido.

Ao chegarmos ao local da reunião, a minha oração foi automática: "Senhor, abençoa-nos". O primeiro sentimento foi de desilusão — havia poucas pessoas.

Mas, enquanto orávamos pedindo a bênção de Deus, tivemos uma sensação de calma e paz. O estudo levou-nos a reflectir e foi de inspiração. O uso de várias versões da Bíblia revelou-nos diferentes pontos de vista centrados numa ideia predominante: Deus preocupa-Se por si! *Criou-o. Conhece-o. Ama-o. E fê-lo* membro da Sua família.

Como brisa suave, a presença divina tocou ao de leve os nossos corações — tínhamos ouvido com frequência esta verdade, mas invadiu-nos a emoção quando nos detivemos para a reconhecer e compartilhar mais uma vez.

Entretanto, terminámos o estudo bíblico e estávamos para nos despedir em oração, quando alguém perguntou, como a desculpar-se: "Poderei fazer parte da vossa família?"

A espontaneidade e o imprevisto da declaração surpreendeu-nos. As nossas lágrimas de preocupação transformaram-se em lágrimas de regozijo! Ao orarmos juntas, uma alma preciosa se tornou "nova criatura" em Cristo.

Sorrindo com lágrimas nos olhos, pediu desculpa pela "interrupção". Mostrou certa preocupação em poder realmente sentir-se "parte" do grupo, pois era de ascendência católica. Mas que maravilhoso foi assegurar-lhe que a "família" de Deus não tem denominação!

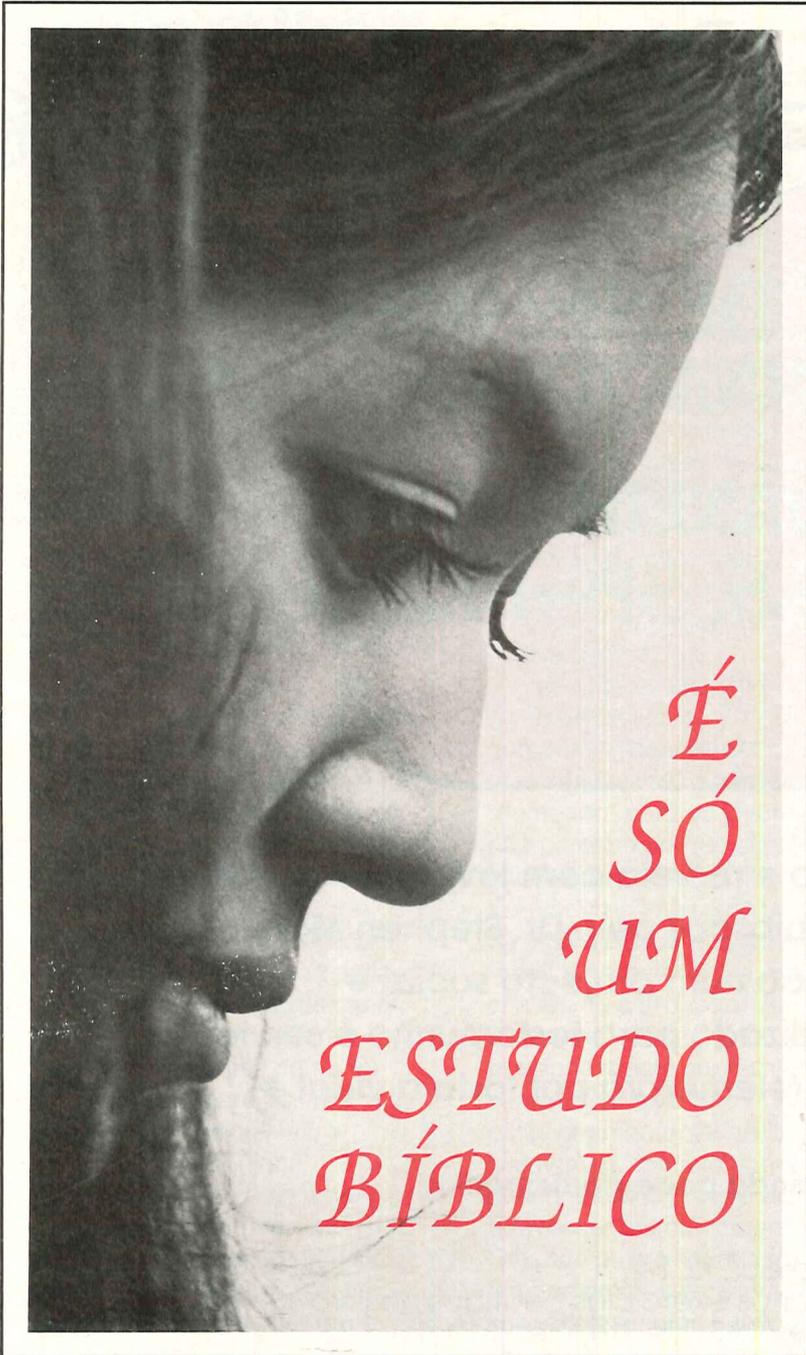
Enquanto cumpria os meus afazeres, a frase ia-se repercutindo na mente: "É só um estudo bíblico!" Entretanto, o escritório da igreja parecia mais um santuário que lugar de trabalho.

O banco que estava ao longo da parede converteu-se num altar e novamente agradei ao Senhor Sua

fidelidade e amor. Quando me afligia por não estar preparada, a minha mente enchia-se de tudo o que parecia necessário... e o Espírito Santo lá estava — sempre fiel e esquadrinhando tudo.

Obrigada, Senhor, por me permitires estar lá — perdoa-me as minhas faltas — e nunca, nunca mais pensarei que a reunião é "só um estudo bíblico"!

—MARITA YORK



É
SÓ
UM
ESTUDO
BÍBLICO

CONGRESSO DE ÁREA DA

JUVENTUDE NAZARENA INTERNACIONAL

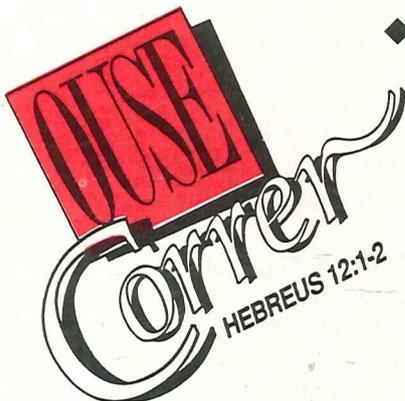
3-7 DE JANEIRO, 1992
CAMPINAS, SP—BRASIL

- ◆ **Companheirismo, desporto e recreio com jovens de outros países** ◆
- ◆ **Palestras e estudos bíblicos pelo Dr. Stephen Manley** ◆
- ◆ **Participação num projecto social** ◆
- ◆ **Treinamento especializado para testemunho e serviço** ◆
- ◆ **Dias que você lembrará por toda a vida!** ◆

Você ainda pode participar!

Requisitos:

1. Memorizar Hebreus 12:1-2
2. Ler e completar os exercícios contidos no livro **MAIS QUE PALAVRAS**, de Stephen Manley
3. Ler a Epístola de Tiago
4. Uma recomendação escrita do seu Pastor
5. Um pedido de inscrição enviado (com a recomendação do Pastor) ao seu Superintendente Distrital
6. Custear a viagem, o alojamento e a comida (Detalhes enviados a pedido)



PAGAR UMA DÍVIDA



Perguntou-me alguém há dias porque me envolvia com a juventude. E embora eu esteja há anos a trabalhar no ministério da juventude, já passou algum tempo desde que essa pergunta me foi feita directamente.

“Estou a pagar uma dívida”, respondi. Duvido que essa pessoa compreendesse a importância de tal declaração. A dívida fora contraída muito antes de eu ter idade suficiente para assinar qualquer papel legal. Nessa altura, nem mesmo tinha consciência de que se estava fazendo um investimento.

Sendo o único filho num lar vitimado pelo divórcio, cresci numa igreja capaz de me dar a melhor educação cristã — e fê-lo. No entanto, na adolescência, o melhor programa do mundo nada significa para um jovem privado de pessoas. Sim, pessoas que

possam fazer três coisas: (1) recordar quando eram jovens; (2) gostar de jovens (não apenas “amá-los”); (3) dedicar-lhes tempo. É certo que pessoas com piscinas, carrinhas para 15 passageiros e um barco ajudam, mas tais coisas não são essenciais para se trabalhar com jovens. Nem é voltando a ser jovem, vestindo como eles ou conhecendo as últimas modas. São as três coisas mencionadas antes que contam para um jovem. É o que eu busco em muitos homens da nossa igreja, quando um adolescente precisa de “pai modelo”. Permitam-me falar acerca dum deles.

Jim Spruill era um impressor na Casa Nazarena de Publicações quando eu frequentava a escola secundária. Ele não estava “nomeado” para os jovens e ainda não percebo porque alguém escolheria passar tempo conosco. Eu e outros “jovens descarados da oitava classe” costumávamos “pedir emprestadas” a Jim as chaves do carro, para que depois do treino da bola nos encontrasse ocasionalmente conduzindo o seu carro no parque de estacionamento. Quando viajávamos com ele, tanta vez desengatámos o carro ao atravessar um cruzamento! Olhando para trás, admiro como um homem passava tanto tempo com adolescentes que obviamente o procuravam destruir.

Jim foi um modelo de firmeza cristã nos meus anos de crescimento. Era bastante estranho, pois ele nunca ensinara uma lição de Escola Dominical,

nunca pregara um sermão e teria sido muito incómodo para ele fazer o que eu hoje faço — pregar e escrever semanalmente. Contudo, não deve existir homem algum que tenha influenciado mais a minha vida para Cristo, quando jovem, que Jim Spruill. Morreu atingido por um raio, quando eu era estudante do segundo ano da faculdade. Um dos maiores privilégios que tive como ministro de jovens foi ser pastor do filho mais novo de Jim. Mas, como vêem, eu estava somente a pagar uma dívida.

Não à família Spruill, porque Jim devia o mesmo que eu. E a pessoa que o levou ao Senhor também estava a pagar uma dívida. Pessoas que trabalham com os jovens na Escola Dominical, em estudos bíblicos, jogos, passeios pelo campo, pique-niques, viagens de missão, fazem-no para pagar uma dívida.

Adultos que são membros da Juventude Nazarena Internacional (já não existe limite de idade), por seu envolvimento estão simplesmente a pagar o que devem. Mas a dívida não é a qualquer pessoa ou instituição da terra. Os líderes da juventude e instituições que ajudam os jovens são precisamente extensões d’Aquele que tudo pagou há muitos anos.

Uma JNI em desenvolvimento precisa urgentemente de mais pessoas como Jim Spruill para “Compartilhar o Seu Espírito” esta semana, este ano e em tempos futuros. □

—GARY SIVEWRIGHT

REFUGIADOS DE MOÇAMBIQUE NO MALAWI

Malawi é um pequeno país ao norte de Moçambique. Comparado com o vasto continente africano, não passa duma nesga de terra com aproximadamente 70.000 quilómetros quadrados.

Tem uma população superior a 8,2 milhões de habitantes. Foi devastada pelo que muitos chamariam desastre insuperável. Vitimado pela guerra em Moçambique, o povo do Malawi teve de partilhar o seu país com quase um milhão de refugiados. Continuam a chegar mensalmente ao Malawi entre dez e onze mil refugiados.

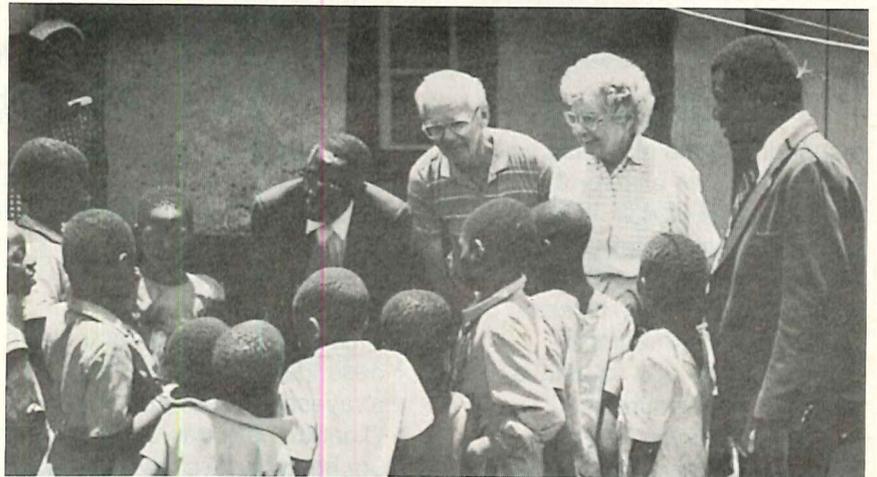
A minha esposa e eu fomos enviados ao Malawi pelos Ministérios Nazarenos de Compaixão. Na estrada principal desde Lilongwe, a capital, até à cidade de Blantyre, a situação dos refugiados impressionou-nos. Viajámos mais de 60 quilómetros pela estrada asfaltada que serve de fronteira entre Malawi e Moçambique.

A diferença entre os dois países era evidente, não pela linha divisória mas pelas pessoas e casas. Do lado de Moçambique havia esqueletos de casas queimadas, sinal da guerra trágica que tem devastado o país. Do lado do Malawi avistavam-se grandes

extensões de palhotas circulares, feitas de barro com tectos cônicos de palha, que se perdiam à distância.

Ao longo dessa estrada vivem cerca de 250.000 refugiados que escaparam à guerra. Cada um tem a sua história de terror com o pesadelo que os obrigou a fugir.

O missionário Stan Doerr e a esposa foram os nossos anfitriões durante a visita de seis dias. Eles tinham combinado com os Revs. Sabwela e Phiri, pastores locais, irem conosco ao acampamento de refugiados Dedza, onde temos uma grande congregação.



O Rev. Rimington (centro) e a esposa, os pastores Revs. Sabwera e Phiri, conversando com crianças do acampamento de refugiados no Malawi.

PÁGINA MISSIONÁRIA

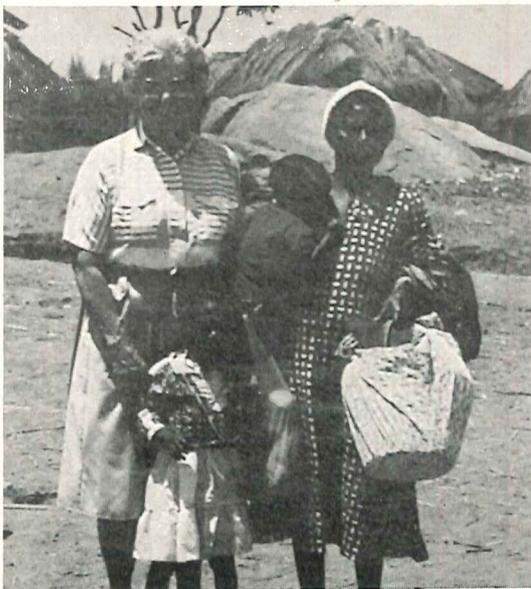
O nosso veículo foi ziguezagueando por entre as palhotas até chegarmos ao centro do que antes era um monte e agora se tornara habitação de mais de 50.000 pessoas. Rodearam o carro dezenas de crianças desnutridas. Muitas nunca tiveram vida diferente da dos campos de refugiados. Saudaram-nos com alegria. Mas ficamos impressionados com a ordem e a limpeza do acampamento que exemplificavam o asseio dessa gente, a despeito das adversidades constantes.

Ao falarmos com adultos à volta da Igreja do Nazareno, podemos sentir a sua preocupação pelos



Cena numa rua que mostra as condições precárias em que se vive nesta região do Malawi.

A senhora Rimington com a senhora Bernardo e família.



outros refugiados. Professores do acampamento ministravam alguma instrução às crianças. Estas careciam de programas de assistência médica e só contavam com um pequeno hospital do governo. Muitas pessoas sofrem de malária, cólera e disenteria. Disseram-nos que havia pelo menos dois funerais diários naquela parte do acampamento. Ainda não tinha começado a época das chuvas que, por certo, multiplicaria o número de mortes.

Sentamo-nos na palhota humilde, mas asseada, da sra. Madalena Bernardo, um dos líderes leigos da Igreja do Nazareno. Dialogámos sobre aquilo que tínhamos visto. Ela nos contou como os rebeldes chegaram à sua povoação, em Moçambique, matando e queimando tudo. Alguns conseguiram fugir para o mato, mas os rebeldes encontraram a sua sogra escondida sob um arbusto com uma pequena vasilha de água. Tentou impedir que eles lhe tirassem e isso custou-lhe a vida. A família encontrou-a apunhalada, mas sem a vasilha.

O resto da família refugiara-se no Malawi, no acampamento de Dedza. Por ter nascido e crescido num lar nazareno, em Moçambique, pareceu-lhe a ela algo natural ajudar a estabelecer uma Igreja do Nazareno no acampamento. A igreja conta com cerca de 100 membros, apesar do pastor ter regressado à zona de guerra para ministrar às pessoas que ficaram em Moçambique.

A maior parte da ajuda que Madalena e a família recebem vem de agências das Nações Unidas (dois sacos de farinha de milho e uma pequena quantidade de feijão e óleo, mensais). No entanto, Madalena expressou a sua enorme gratidão pela roupa que tinham recebido dos nazarenos.

Ao sair do acampamento, a caminho de Blantyre, não me podia sair da mente este versículo: "E a qualquer, a quem muito for dado, muito se lhe pedirá, e, ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá" (Lucas 12:48). Afinal, nós fomos para ajudar os refugiados e saímos animados e encorajados por eles.

O regresso a Blantyre foi muito mais silencioso porque cada um parecia buscar no seu coração a forma de ser melhor mordomo do que Deus lhe confiara. □

—ROBERT RIMINGTON

PÁGINA DEVOCIONAL

MAS...!

“Então respondeu Moisés, e disse: Mas...”
Êxodo 4:1-9

Todos nós conhecemos este “mas”. Os nossos lábios proferiram-no vezes sem conta, vezes sem conta o suportou Deus! É a resposta da incredulidade à chamada divina, a resposta do medo a uma ordem Superior. É a humana sugestão de que os recursos são insuficientes, de que Deus não esgotou todas as possibilidades; a incrível e humana insinuação de que Deus não “viu” o que os nossos olhos viram! Os muitos “mas” das narrativas bíblicas constituem, só por si, um impressionante registo de falta de fé!

“Senhor, eu Te seguirei, mas...” Há qualquer coisa ainda a fazer, qualquer coisa a impor-se — e a antepor-se — ao discipulado. A obediência a Deus não nos parece prioritária; vemo-la naturalmente *depois*, e só depois, de cumprido o “dever” que, de momento, retém toda a nossa atenção. A nossa obediência não é, portanto, uma linha reta: é antes uma linha cuja continuidade se interrompe em ângulos e curvas; uma obediência que prefere veredas tortuosas e escuras ao claro e direito caminho rasgado por Deus. Em vez de cumprirmos a Sua vontade, impomos-Lhe a nossa!

A Sua relação de amor conosco torna, no entanto, desnecessários todos os nossos “mas”; simplesmente porque tudo foi previsto e nada O tomará de surpresa. O campo de operações foi totalmente examinado e o mínimo pormenor tomado em linha de conta. Quando o Senhor te diz a ti ou a mim: “Eu te enviarei”, podemos estar certos de que foram já providenciados todos os meios para que seja levada a bom termo a tarefa que nos é confiada. “Não te deixarei nem te desampararei”.

—JOHN JOWETT

ORE:

1. Pelo Congresso de Área da Juventude Nazarena Internacional a realizar-se neste mês, de 3 a 7, em Campinas, S. Paulo, Brasil.

2. Por mais jovens chamados ao ministério e dispostos à preparação e ao serviço.

3. Pelos professores das instituições nazarenas de ensino. (Se houver no seu distrito ou área uma escola ou seminário, procure encorajar o corpo docente, exprimindo o seu apreço e prometendo orar por cada professor.)

4. Pelas autoridades locais e nacionais. Por sábio exercício do direito de voto.

LEITURAS BÍBLICAS DO MÊS

- 1 Génesis 1—2
- 2 Génesis 3—5
- 3 Génesis 6—9
- 4 Génesis 10—11
- 5 Génesis 12—15
- 6 Génesis 16—19
- 7 Génesis 20—22
- 8 Génesis 23—26
- 9 Génesis 27—29
- 10 Génesis 30—32
- 11 Génesis 33—36
- 12 Génesis 37—39
- 13 Génesis 40—42
- 14 Génesis 43—46
- 15 Génesis 47—50
- 16 Jó 1—4
- 17 Jó 5—7
- 18 Jó 8—10
- 19 Jó 11—13
- 20 Jó 14—17
- 21 Jó 18—20
- 22 Jó 21—24
- 23 Jó 25—27
- 24 Jó 28—31
- 25 Jó 32—34
- 26 Jó 35—37
- 27 Jó 38—42
- 28 Êxodo 1—4
- 29 Êxodo 5—7
- 30 Êxodo 8—10
- 31 Êxodo 11—13

VERSÍCULO BÍBLICO

“E Deus disse:
Certamente Eu serei
contigo”
—Êxodo 3:12

PERGUNTAS

✓ Onde se encontrará a passagem bíblica que diz que o Espírito Santo será removido da terra depois do arrebatamento? Como poderá alguém salvar-se ou mesmo orar se o Espírito Santo não estiver presente para o ajudar?

✓ Se um hospital, por falta de cuidado ou negligência, faz algo que provoca a morte dum paciente, será mau (de acordo com as Sagradas Escrituras) que um cristão leve o caso aos tribunais?

✓ Estará a tornar-se prática comum nas nossas igrejas vender cassetes e albuns aos domingos, promovidos por artistas ou grupos musicais? Terão o pastor e/ou a junta da igreja o direito de proibir tal prática?

E RESPOSTAS

Suponho que você se refere a II Tessalonicenses 2:7-8. Paulo diz: "Porque já o mistério da injustiça opera; somente há um que agora resiste, até que do meio seja tirado; e então será revelado o iníquo..."

Alguns defensores da doutrina do arrebatamento da pré-tribulação interpretam este poder como sendo o Espírito Santo que habita na igreja. Com o arrebatamento da igreja, explicam, o Espírito Santo será removido. Isto permitirá que o poder da injustiça atinja a expressão máxima com o aparecimento do Anticristo, na fase final. Por sua vez, este será destruído no fim da grande tribulação quando Cristo voltar para o juízo.

Outros estudiosos bíblicos relacionam o poder com o governo civil. No tempo de Paulo era o Império Romano, representado por César. Um colapso na autoridade civil produzirá o caos político no qual surgirá o Anticristo (a besta do mar, na visão de João).

No entanto, a passagem bíblica é compreensível, o Espírito de Deus não estará completamente ausente do mundo. No período da tribulação, opondo-se ao Anticristo, pessoas regressarão a Cristo, mesmo à custa do martírio. Evidentemente, isto só poderia acontecer através do ministério do Espírito Santo.

No capítulo 6 da I Epístola aos Coríntios, Paulo repreende cristãos por instaurarem processos em tribunais pagãos contra outros fiéis. Declara que as diferenças entre cristãos deviam ser resolvidas na igreja pelo recurso a conselheiros sábios. Insiste que é melhor sofrer prejuízos que desonrar a igreja através de disputas públicas arbitradas por incrédulos.

Por outro lado, Paulo tinha e reclamava certos direitos como cidadão romano, direitos que envolviam processos e julgamentos em tribunais (Actos 22:24-29;25:9-11).

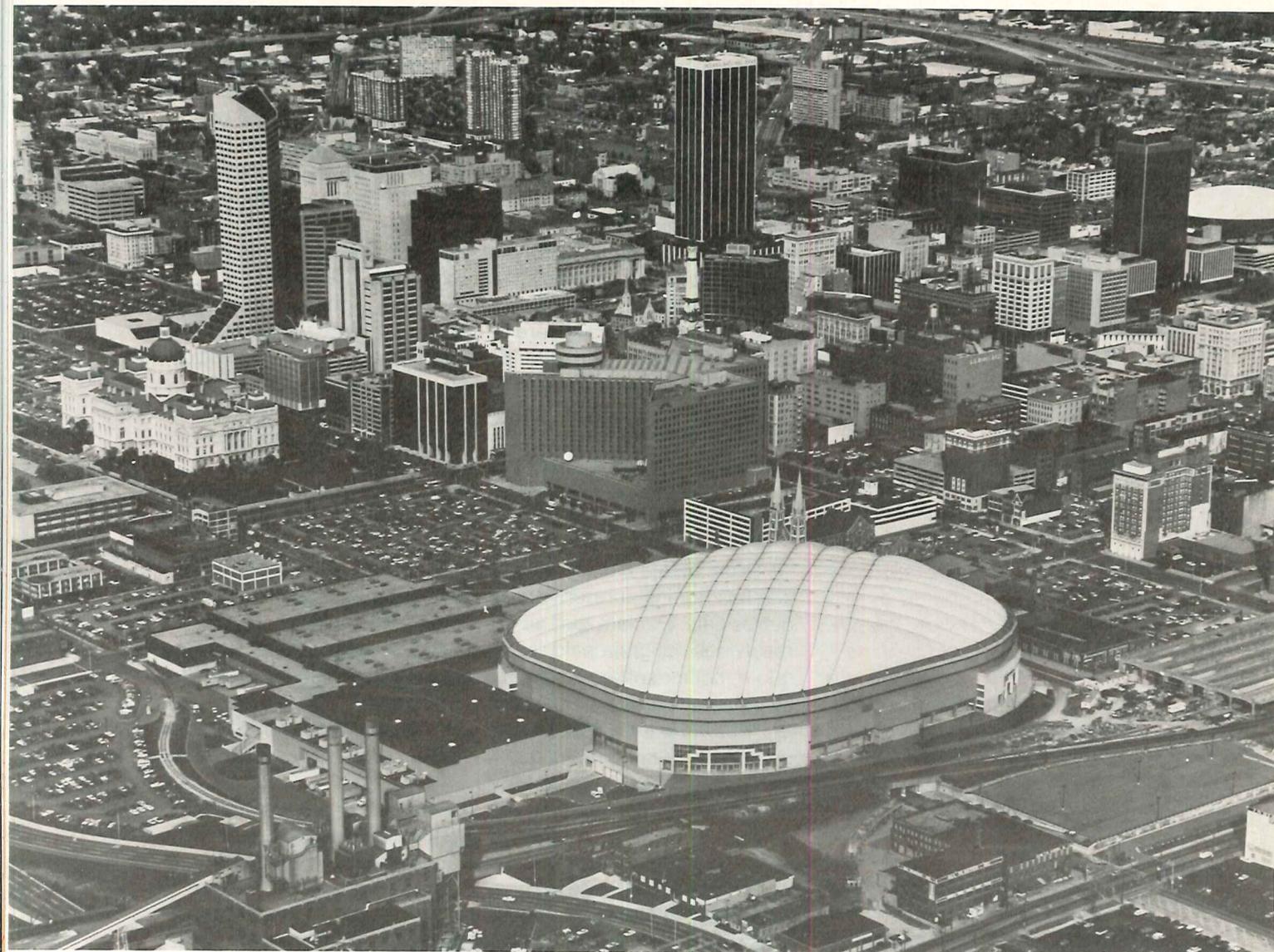
A sua pergunta parece-me que se relaciona mais de perto com o último princípio que com o primeiro. Creio que as Escrituras não proibiriam um processo por tratamento inadequado dum paciente, mas certamente nos desafiariam quanto ao motivo. Recorrer a tribunal para recuperar um valor perdido ou proteger outros de serem vítimas de incompetência ou exploração, seria — a meu entender — um uso apropriado de direitos legais e morais. Processar por motivos de ganância ou vingança seria impróprio a qualquer cristão.

A negligência criminosa devia ser punida por lei, mas há enganos que surgem de limitações humanas, de falta de conhecimento e experiência.

O cristão deve chegar a uma decisão pessoal e orar por sabedoria sempre que exposto a casos como estes.

Honestamente, desconheço até onde chega esta prática. Tenho ouvido de vários exemplos, mas não os tenho observado pessoalmente. Em igrejas que pastoreei não havia tal prática. Creio que o pastor e a junta da igreja têm o direito e a responsabilidade de regular actividades que afectem a adoração e o trabalho da igreja. A violação criada por semelhante prática pode rapidamente mudar os ganhos em perdas.

Aqueles que vêem esta actividade como um ministério e não como um negócio deviam fazer chegar o material às mãos do povo noutros dias e de outras formas.



ASSEMBLEIA GERAL DE 1993 — ALTERAÇÃO DE DATA E LUGAR

Anuncia o secretário geral da Igreja do Nazareno, Jack Stone, que a Assembleia Geral voltará à cidade de Indianápolis em 1993. A nova data será 21 a 30 de Julho.

A decisão de não ir a Denver foi tomada após uma visita ao recém-concluído Centro de Convenções de Colorado. Uma Comissão encarregada da escolha do local da Assembleia concluiu que, contrariamente ao previsto, as novas facilidades não oferecem espaço adequado para o magno encontro quadrienal de nazarenos.

Estudadas várias outras alternativas, a mesma Comissão recomendou o regresso a Indianápolis, local onde se reuniu a 22a. Assembleia Geral. Acrescentou o Dr. Stone: "A cidade de Indianápolis ofereceu-nos, com grande entusiasmo, o uso do estadium coberto Indiana Hoosier Dome, as áreas de exposição e todas as salas de reuniões, a preço reduzido. Disseram-nos os oficiais da cidade que a nossa Assembleia de 1989 foi a melhor de quantas têm recebido".

REGIÃO DE EURO-ÁSIA

“Portas abertas” é a forma como Franklin Cook descreve as oportunidades que se nos apresentam neste momento através da Europa. Portas acham-se abertas dentro dos três principais sistemas culturais da região (Marxismo, Islamismo e secularismo). A queda do Muro de Berlim e as consequências da Guerra do Golfo combinam-se num interesse reavivado pela religião, tornando-se esta oportunidade momento áureo para a igreja.

De acordo com o Dr. Cook, a forma como a Igreja do Nazareno responde a esta nova abertura depende totalmente de recursos. Agora podem ser distribuídas Bíblias e literatura religiosa na União Soviética. Também representantes de igrejas podem ensinar línguas em escolas ou trabalhar em universidades.

“Estamos hoje a decidir quando colocar um anúncio (promovendo a Igreja do Nazareno) no jornal *Pravda* ou *Isvestia*”, declara Franklin Cook. “A nossa única hesitação é pensar que a resposta será tão grande que não conseguiremos dar atenção a milhares de cartas que receberemos”.

Continuam a ser feitos contactos através da Arménia Soviética. A igreja proveu assistência após o terramoto de 1988 e, desde então, tem-se desenvolvido certo relacionamento.

Herman Gschwandtner, coordenador de Ministérios da Europa Oriental, reuniu-se recentemente com o Concelho de Igrejas na Hungria. Segundo o Dr. Cook, perguntaram-lhe: “Quanto tempo vocês nazarenos vão esperar até começar aqui igrejas?”

“Os húngaros desejam aumentar o número de cristãos no seu país, mas nós não temos

recursos para entrar já”, disse o Dr. Cook. “Temos duas jovens da Juventude em Missão, Carol Knowlton e Julie Best, que ensinam inglês num seminário da Hungria. Existem muitas oportunidades para professores e pessoal médico.”

O director regional disse que a igreja no Médio Oriente está procurando regressar ao seu nível normal. Com o abrandamento da guerra civil do Líbano, a igreja está a prover dinheiro para reparar prejuízos causados por bombardeamentos e ajudar a construir casas.

Na Índia, espera-se que o trabalho comece num futuro próximo em Bangladesh e Paquistão. O Dr. Cook disse que visitará a área em Setembro para apurar o processo de registar oficialmente a denominação.

“Com os desastres que têm ocorrido em Bagladesh, esperamos poder desenvolver uma estratégia para assistência



—FRANKLIN COOK,
director regional

através do Ministério de Compaixão que venha a servir como um protótipo para áreas semelhantes.”

REGIÃO DE AMÉRICA DO SUL

“Basicamente estamos a procurar introduzir um sistema de evangelismo que faça impacto na América do Sul”, disse Louie Bustle. O sistema de evangelismo acerca do qual o Dr. Bustle fala, ganhou nos últimos oito anos 50.000 novos nazarenos e organizou 737 novas igrejas na América do Sul. Durante os 70 anos anteriores a igreja na América do Sul tinha ganho 19.000 membros, reunidos em 349 igrejas.

Desenvolvido por Bustle e Bruno Radi, director regional de Evangelismo e Crescimento da Igreja, o programa evangelístico na América do Sul utiliza “irmãos mais velhos” nas igrejas locais.

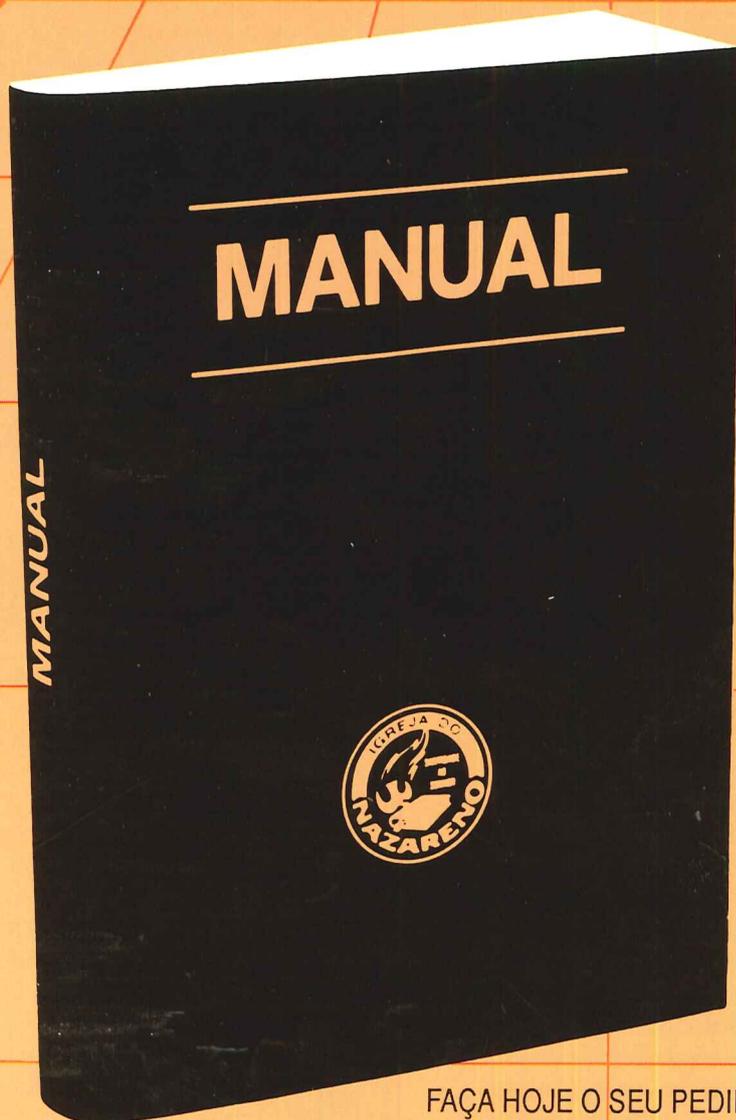
Cada um destes se compromete a orar por dez pessoas durante seis a oito semanas antes duma campanha evangelística. Quando se aproxima o tempo da campanha, os “irmãos mais velhos” convidam para os cultos seus amigos pelos quais oraram. O director regional Bustle disse que estão planeadas cerca de 4.000 campanhas evangelísticas no continente para o próximo ano. Acrescentou que as pessoas, uma vez salvas, são integradas num curso de oito semanas, antes de serem consideradas candidatas à membresia na Igreja do Nazareno.

Adicionalmente, estão a desenvolver-se na América do Sul “células de oração”. O programa da célula de oração envolve três leigos que se reúnem semanalmente e por 45 minutos no lar dum crente. O anfitrião convida os cristãos da vizinhança para se reunirem com eles. Também convida os presentes a irem com ele à “igreja-mãe” patrocinadora da célula de oração. Pessoas por quem oram são contactadas e entrevistadas acerca de respostas à oração e outras necessidades.

O Dr. Bustle disse que, graças ao uso do sistema de “irmãos mais velhos” e de células de oração, espera ver dentro de poucos anos milhares de novos crentes na América do Sul. □

—LOUIE BUSTLE,
director regional





NOVO MANUAL!

*Já está pronta a nova edição,
com todas as emendas
e alterações aprovadas pela
XXII Assembleia Geral.*

*Importantíssimo, o **MANUAL***

contém • HISTÓRIA

• RITUAL

• DOCTRINA

• GOVERNO DA IGREJA

**LIVRO DE REFERÊNCIA
E ORIENTAÇÃO INDISPENSÁVEL
A TODOS OS MEMBROS
DA IGREJA DO NAZARENO**

**FAÇA HOJE O SEU PEDIDO À
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES**

C.P. 4121

01051 São Paulo, SP, Brasil

Nos Estados Unidos:

6401 The Paseo

Kansas City, Mo. 64131